

# QUANDO O ESTADO E A JUSTIÇA ABREM MÃO DE SUAS FUNÇÕES A ASCENSÃO DAS MILÍCIAS NO BRASIL

Vivianne Chagas

Um levantamento feito pelo Grupo de Estudos dos Novos Ilegalismos da Universidade Federal Fluminense (GENI/UFF) e pelo Observatório das Metrôpoles do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ) mostrou que entre 2006 e 2021 o domínio territorial dos milicianos passou de 52,6 quilômetros quadrados para 256,3 quilômetros quadrados, uma área equivalente a 10% de toda a extensão do Rio de Janeiro. Um aumento de 387,3% nos últimos dezesseis anos no estado fluminense<sup>1</sup>. Um fenômeno em crescimento exponencial que merece ser explicado. Para entender as milícias, é crucial reconhecer a interseção entre crime, política e poder local.

Como observado por Costa<sup>2</sup>, a emergência das milícias está intimamente ligada à fragmentação do Estado e à falta de sua presença em territórios periféricos.

O que é milícia e quem são os milicianos? Imagine chegar a territórios aonde o Estado não chegou, oferecer os serviços mínimos para os moradores e cobrar por isso. Parece um modelo de negócio interessante, não fosse o fato de os moradores não terem direito de escolha, para além do domínio e violência que estes serviços acarretam. Esta é uma breve receita das milícias: grupos organizados que substi-

BRUNO PAES MANSO

## A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro

São Paulo, Todavia Editora,  
2020, 302 páginas.  
ISBN: 9786556920610



tuem um Estado fraco e incapaz de suprir as necessidades de seus cidadãos e que, no Brasil, teve seu nascimento registrado no estado do Rio de Janeiro<sup>3</sup>. Alguns casos de repercussão internacional envolvendo milicianos – tais como o do policial acusado de corrupção Fabrício Queiroz, aliado da família do ex-Presidente Jair Bolsonaro; do policial Adriano da Nóbrega, matador de aluguel e condecorado pela família Bolsonaro; e do ex-sargento da polícia Ronnie Lessa, apontado como autor dos disparos que mataram a vereadora Marielle Franco

e morador do mesmo condomínio de Jair Bolsonaro no Rio de Janeiro – tornam a obra *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro* de suma importância para a compreensão deste fenômeno que desafia os poderes do Estado e coloca em cheque a democracia brasileira.

O livro oferece uma análise densa das origens, evolução e impacto desses grupos armados em áreas urbanas, especialmente no estado do Rio de Janeiro. Bruno Paes Manso dividiu sua obra em oito capítulos e uma espécie de conclusão, que também atualiza as informações de acordo com os acontecimentos políticos do ano de 2020 no Brasil. Para explicar as milícias, o autor regressa a fatos históricos a partir dos anos de 1960 e conta com inúmeras entrevistas de personagens reais, alguns deles com nomes fictícios devido a sua relevância para este cenário criminoso e o risco de vida.

O primeiro capítulo começa com uma longa entrevista a um ex-miliciano, que revela detalhes do funcionamento das milícias, narra assassinatos com naturalidade, oferece o fio condutor para a obra e para a análise política também levantada pelo livro. O autor foca nas figuras dos milicianos, como eles se apresentam enquanto «protetores» das comunidades e no contexto em que as milícias começaram a se fortalecer, se aproveitando da ineficácia estatal em controlar seu território. Inicialmente responsáveis por manter a ordem, estes grupos começaram a se fortalecer dentro das comunidades e, a seguir, perceberam as inúmeras possibilidades de ganhos econômicos que poderiam ter. Além de cobrar taxas por «proteção»,

os grupos passaram a controlar a distribuição de serviços básicos, como o fornecimento de gás, transporte alternativo, serviços de TV, internet clandestina, imóveis, entre outros. O capítulo também narra a rivalidade entre a milícia e o tráfico de drogas, e aponta quando o termo *milícia* foi utilizado pela primeira vez para denominar estes grupos: 2005 (p. 29). Ao final, o autor apresenta uma linha cronológica com acontecimentos políticos do Rio de Janeiro, a partir de 2006, passando pelo assassinato da vereadora Marielle Franco e do motorista Anderson Gomes em 2018, até o ano de 2020 (pp. 34-35).

O capítulo 2 analisa como as milícias se conectam a práticas violentas e paramilitares do passado, evidenciando um ciclo histórico que atravessa décadas. Recorrendo ao período da Ditadura Militar<sup>4</sup>, o autor detalha as origens históricas da violência estatal no Brasil, o uso da violência como método de controle social, a impunidade dos agentes envolvidos em execuções ilegais e o crescimento da cultura da impunidade. Embora as milícias sejam uma nova forma de organização, Manso sugere que elas representam uma continuidade das práticas violentas do passado, mas com inovações em sua forma de operar. As milícias misturam práticas tradicionais de coerção e execução sumária com novas formas de exploração econômica das comunidades que controlam, criando um modelo híbrido de crime organizado. Por fim, enquanto relata fatos históricos e operações policiais, o livro também detalha o início do que seria a ligação da família Bolsonaro com milicianos.

O capítulo 3 explora o surgimento das milícias no Rio de Janeiro a partir da comunidade de Rio das Pedras, uma área que expandiu ao longo dos anos sem a presença do Estado e que assistiu à chegada de «protetores» que estabeleceram ali o seu sistema de poder, cobrando por serviços básicos. «As milícias acabam funcionando como um “Estado terceirizado ou leiloado”... Cobram taxas e arrecadam receitas para preservar a governança local, substituindo um Estado fraco e incapaz» (p. 77), afirma o autor, ressaltando a falta de opção dos moradores pela garantia da democracia. Neste capítulo também é contada a história de um dos mais famosos grupos de milicianos – a Liga da Justiça –, a expansão das milícias pelos territórios do Rio de Janeiro, o início da interseção entre os milicianos e a política, e a tolerância social e da Justiça para com estes grupos: «o Estado continuava delegando – mesmo que por omissão – suas principais funções aos milicianos, que seguiam aproveitando a ausência do Estado na região para aumentar seus lucros...» (pp. 100-101).

No capítulo 4, Manso aprofunda o entendimento de como as milícias, a polícia e o jogo do bicho estão interligados em uma rede de poder e corrupção no Rio de Janeiro. Uma peculiaridade da criminalidade no estado – a imensa quantidade de fuzis nas mãos de criminosos – é destaque nesta parte da obra, que detalha a participação de membros das Forças Armadas no tráfico internacional de armas. A quantidade de armas disponíveis em comunidades dominadas pelo crime tornou a ideia de «combate» aos criminosos, através de

grandes operações policiais, algo necessário. «Como se a ordem e a paz dependessem da guerra da polícia nos territórios pobres» (p. 119). Uma realidade que contribui para o primeiro lugar do Brasil no ranking mundial de violência policial<sup>5</sup>.

O capítulo 5 apresenta uma analogia com a série de televisão *Game of Thrones*, conhecida por narrar alianças e traições entre grupos. A partir desta visão o autor explora a dinâmica das facções criminosas do Rio de Janeiro e a sua relação com as milícias, em um cenário de disputa pelo controle territorial. Inicialmente, o autor explica as origens das facções criminosas, como elas se fortaleceram nas comunidades e a relação com o tráfico de drogas: «Reproduzindo o modelo assistencialista dos bicheiros, eles fizeram escola... Também eram eles que proibiam os roubos no bairro, fazendo papel de polícia» (pp. 156-157). Destaque também para a corrida armamentista destas facções com foco nas disputas territoriais: «Os donos dos morros, nessa alucinada corrida armamentista, tornaram o Rio de Janeiro a cidade dos fuzis e das pistolas» (p. 168). Por fim, o autor detalha todo o ambiente que originou o projeto das Unidades de Polícia Pacificadoras, seu desenvolvimento, o ápice de sua aprovação e bons resultados, até o seu declínio, que propiciou a crítica à guerra às drogas por parte da candidata a vereadora Marielle Franco em 2016.

No sexto capítulo é feita a apresentação da história de Marielle Franco. Bruno Paes Manso aborda o assassinato dela e do motorista Anderson Gomes, a relação do crime com as milícias, a repercussão, a história dos possíveis responsáveis e o con-

texto político e social que envolveu a ação de execução. Em 2018, o Rio de Janeiro passava por uma Intervenção Federal na Segurança Pública do estado, uma medida nunca antes acionada na história do país e criticada por muitos políticos, entre eles Marielle. A presença de militares nas ruas da cidade não foi o suficiente para evitar a ação dos criminosos. O capítulo ainda narra a trajetória dos ex-policiais Ronnie Lessa, Êlcio Queiroz e Adriano Magalhães da Nóbrega, todos acusados de participar nos assassinatos. Lessa foi preso em março de 2019 e em maio de 2024 confessou ter sido o autor dos disparos que mataram a vereadora e o motorista. Queiroz, também preso desde 2019, confessou que dirigia o veículo de onde partiram os disparos<sup>6</sup>. Já o miliciano Adriano, que possuía estreita relação com a família Bolsonaro, foi morto em uma ação policial em 2020<sup>7</sup>. Por fim, o autor relembra a Comissão Parlamentar de Inquérito das Milícias, aberta em 2008 e presidida pelo padrinho político de Marielle, Marcelo Freixo, e seus conflitos com os políticos da família Bolsonaro. «Jair Bolsonaro, que durante anos tinha apoiado o capitão Adriano Magalhães da Nóbrega (em discursos e com cargos a seus familiares), tornou-se presidente da República» (p. 225).

O penúltimo capítulo explora a evolução das milícias no Rio de Janeiro e como esses grupos criminosos se modernizaram, expandindo suas atividades e adotando novas formas de controle e exploração. Oferecer segurança em contraponto ao tráfico de drogas já não é mais o foco dos milicianos, que começaram a lucrar com a venda de serviços monopolizados e de

imóveis construídos à revelia do Estado, sem nenhum tipo de documentação ou vistoria pelos órgãos competentes. Destaque também para as ações de enfrentamento do governo estadual em 2019, ano em que o Rio registrou «1810 mortes em supostos confrontos policiais» (p. 245), o maior número da história no estado até então. Ao final, o capítulo faz um balanço histórico das políticas de segurança adotadas no estado: «Era preciso livrar os territórios pobres das tiranias armadas e criar uma democracia verdadeira no Rio de Janeiro» (p. 256).

No capítulo 8, Bruno Paes Manso explora a interseção entre o contexto político-ideológico do Brasil e o crescimento das milícias, relacionando a ascensão de Jair Bolsonaro (referido como «o capitão») ao poder e as influências de personagens-chave como o general Newton Cruz, o coronel Carlos Alberto Brillante Ustra e o filósofo Olavo de Carvalho. Nas primeiras páginas é possível conhecer a conturbada história militar de Jair Bolsonaro iniciada em 1973, seguida por sua entrada na política como vereador pelo Rio de Janeiro em 1988 e sua eleição a deputado federal em 1990: «atuou por 28 anos como parlamentar antes de se tornar presidente» (p. 259). O autor também detalha os personagens e os episódios que contribuíram para a construção do perfil político antidemocrático do «capitão»: «Sempre preferiu a violência – mesmo que simbólica – à política» (p. 268). Ao final, Manso faz uma reflexão sobre quais teriam sido as explicações para a eleição a presidente de Bolsonaro em 2018 e conclui: «Foram tempos loucos, violentos e doentios. Tempos de

Jair Bolsonaro, o capitão da República das Milícias» (p. 287).

Por fim, o autor apresenta o que seria uma atualização das ações do Governo de Jair Bolsonaro e cria uma relação com os personagens ouvidos durante a obra para apresentar sua conclusão: «Quando o Estado e a Justiça abrem mão de suas funções, a disputa é definida pela lei do mais forte» (p. 293). Bruno Paes Manso encerra o livro citando uma das últimas mensagens deixadas por Marielle Franco em suas redes sociais: «Quantos mais vão precisar morrer para que essa guerra acabe?» (p. 295).

Em suma, *A República das Milícias: Dos Esquadrões da Morte à Era Bolsonaro*, ganhador do Prêmio Jabuti em 2021<sup>8</sup>, oferece

uma análise profundamente informada e perspicaz de um fenômeno que há muito assola o Brasil, em especial o estado do Rio de Janeiro. A obra não apenas descreve as origens e o funcionamento das milícias, mas também destaca suas implicações sociais e políticas. Ao fundamentar suas conclusões em extensa pesquisa de campo e análise crítica, Manso oferece uma visão abrangente e fundamentada que lança luz sobre um aspecto sombrio da realidade da segurança pública brasileira contemporânea. **REI**

Data de recepção: 2 de outubro de 2024 | Data de aprovação: 15 de novembro de 2024

---

**Vivianne Chagas** Doutoranda em Relações Internacionais – Estudos de Segurança e Estratégia na NOVA FCSH, e mestre em Ciência Política e Relações Internacionais pela mesma universidade.

> NOVA FCSH, Avenida de Berna, 26 C, 1069-061 Lisboa, Portugal | [chagasvivianne@campus.fcs.unl.pt](mailto:chagasvivianne@campus.fcs.unl.pt)

## NOTAS

<sup>1</sup> GENI/UFF E OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES – «A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados». Rio de Janeiro, 2021. Consultado em: 6 de setembro de 2024. Disponível em: <https://geni.uff.br/2021/04/30/a-expansao-das-milicias-no-rio-de-janeiro-uso-da-forca-estatal-mercado-imobiliario-e-grupos-armados-4/>.

<sup>2</sup> COSTA, Greicy Cristina da – «A milícia e o processo de individualização: entre a falta e a falha do Estado». In *Gragoatá*. Vol. 18. N.º 34, 2013, pp. 235-251. Consultado em: 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32969/18956>.

<sup>3</sup> GENI/UFF E OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES – «A expansão das milícias no Rio de Janeiro...».

<sup>4</sup> A Ditadura Militar brasileira foi o regime instaurado no Brasil entre 1964 e 1985, sob

comando de sucessivos governos militares. Sobre isto, ler GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge – 1964: *O Golpe Que Derrubou Um Presidente, Pôs Fim ao Regime Democrático e Instituiu a Ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

<sup>5</sup> De acordo com o relatório da Anistia Internacional, corresponde à polícia que mais mata no mundo [ANISTIA INTERNACIONAL – «“Você matou meu filho!” Homicídios cometidos pela Polícia Militar na cidade do Rio de Janeiro». Anistia Internacional, 2015. Consultado em: 6 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/amr19/2068/2015/bp/>]. Nesse sentido, segundo o *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*, o número de mortes decorrentes de intervenções policiais no Brasil chegou a 6375 ocorrências, o maior número desde 2013 [FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. Ano 14. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020].

<sup>6</sup> «CASO MARIELLE: júri popular de Ronnie Lessa e Elcio Queiroz é marcado para 30 de outubro». G1.com. Rio de Janeiro. Consultado em: 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/09/12/caso-marielle-juri-popular-de-ronnie-lessa-e-elcio-queiroz-e-marcado-para-30-de-outubro.ghtml>.

<sup>7</sup> BORGES, Larissa – «Investigação abre novos mistérios sobre morte de Adriano da Nóbrega». In *VEJA*. São Paulo. Consultado em: 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/investigacao-abre-novos-misterios-sobre-morte-de-adriano-da-nobrega>.

<sup>8</sup> O livro ficou em 1.º lugar na categoria «Biografia, Documentário e Reportagem» no ano de 2021. O Prêmio Jabuti é tido como o mais tradicional prêmio literário do Brasil.

## BIBLIOGRAFIA

ANISTIA INTERNACIONAL – «“Você matou meu filho!” Homicídios cometidos pela Polícia Militar na cidade do Rio de Janeiro». Anistia Internacional. 2015. Consultado em: 6 de setembro de 2024. Disponível em: <https://www.amnesty.org/en/documents/amr19/2068/2015/bp/>.

BORGES, Larissa – «Investigação abre novos mistérios sobre morte de Adriano da Nóbrega». In *VEJA*. São Paulo. Consultado em: 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/investigacao-abre-novos-misterios-sobre-morte-de-adriano-da-nobrega>.

«CASO MARIELLE: júri popular de Ronnie Lessa e Elcio Queiroz é marcado para 30 de outubro». G1.com. Rio de Janeiro. Consul-

tado em: 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2024/09/12/caso-marielle-juri-popular-de-ronnie-lessa-e-elcio-queiroz-e-marcado-para-30-de-outubro.ghtml>.

COSTA, Greciely Cristina da – «A milícia e o processo de individualização: entre a falta e a falha do Estado». In *Gragoatá*. Vol. 18. N.º 34, 2013, pp. 235-251. Consultado em: 14 de setembro de 2024. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/gragoata/article/view/32969/18956>.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – *Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2020*. Ano 14. São Paulo: Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2020.

GENI/UFF E OBSERVATÓRIO DAS METRÓPOLES – «A expansão das milícias no Rio de Janeiro: uso da força estatal, mercado imobiliário e grupos armados». Rio de Janeiro. 2021. Consultado em: 6 de setembro de 2024. Disponível em: <https://geni.uff.br/2021/04/30/a-expansao-das-milicias-no-rio-de-janeiro-uso-da-forca-estatal-mercado-imobiliario-e-grupos-armados-4/>.

GOMES, Ângela de Castro; FERREIRA, Jorge – *1964: O Golpe Que Derrubou Um Presidente, Pôs Fim ao Regime Democrático e Instituiu a Ditadura no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.